

Foto Voz – novas técnicas de pesquisa, educação e intervenção social

Maria Cristina Castilho Costa

Professora Sênior, Titular em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicações da ECA-USP, autora de diversos livros entre os quais Ficção, Comunicação e Mídias (Ed. SENAC) e Educação, Imagem e Mídias (Cortez Ed).

E-mail: criscast@usp.br

Resumo: Este texto é parte de uma pesquisa mais ampla, aprovada pelo CNPq, que busca investigar as relações entre arte, comunicação, tecnologia e educação. A partir de autores que subsidiam a importância da renovação das posturas ligadas à educação e ao conhecimento, apresenta uma metodologia de pesquisa interativa e multilinguagem que, criada nos anos 1990, recebeu o nome de Foto Voz. Integrando registro de imagens fotográficas, reflexão e discussão de situações-problema, essa metodologia tem sido utilizada em pesquisas que visam a intervenção social, com propostas ligadas à cultura dos participantes, à sua percepção da realidade e à sua subjetividade.

Palavras-chave: Fotografia; educação; conhecimento; pesquisa

Abstract: This study belongs to a broader research, approved by CNPq, which seeks to investigate the relation between art, communication, technology, and education. Based on authors who support the importance of renewing attitudes toward education and knowledge, it shows an interactive and multilingual research methodology which was named *Foto Voz* and created in the 1990s. Integrating the recording of photographic images and reflection and discussion of problematic situations, research has aimed this methodology at social interventions with proposals linked to participants' culture, perception of reality, and subjectivity.

Keywords: Photography; education; knowledge; research.

1. INTRODUÇÃO

Educomunicação: a arte e o saber – estudo das manifestações da ciência sobre a arte e da arte sobre a educação. Este é o título do projeto recém-aprovado pelo CNPq com vistas à Bolsa de Produtividade em Pesquisa, de 2022 a 2025. Esta proposta visa estudar as relações entre imagem e educação, meios de comunicação e linguagens artísticas nas práticas de pesquisa científica e de didática, tema que sempre foi foco de minhas atividades como professora e pesquisadora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Parece, entretanto, que essas práticas envolvendo comunicação e linguagens artísticas na educação se intensificaram após dois anos de pandemia de coronavírus¹, em que o trabalho remoto e o isolamento social obrigaram ao uso cada vez mais constante de mídias audiovisuais para a educação on-line. Plataformas de redes sociais ficaram repletas de experiências inovadoras envolvendo imagens fixas e em movimento, aulas interativas e recursos midiáticos que apresentaram professores transformados em repórteres e jornalistas fazendo as vezes de professores. Essa intimidade entre educação, mídia e arte exige um estudo mais abrangente de seu potencial e possibilidades, bem como de suas dificuldades. Em razão disso, o projeto encaminhado ao CNPq se mostra oportuno e nos leva ao estudo dos recursos tecnológicos e de linguagem à disposição dos interessados, sejam eles professores, cientistas, artistas ou jornalistas.

O advento e desenvolvimento dos meios de comunicação por imagem, como a fotografia, o cinema, o vídeo e a televisão operaram transformação radical na comunicação humana. Aliados ao crescimento das cidades, ao êxodo rural e às ondas migratórias, os meios de comunicação puseram fim a séculos de domínio da comunicação letrada e abriram espaço para o uso da imagem como principal veículo de informação. E, por mais que a educação tenha resistido à invasão e ao protagonismo da imagem na cultura, especialmente no Ocidente, aos poucos ela foi se integrando às práticas pedagógicas, bem como às mais diferentes formas de divulgação científica. Na primeira metade do século XX, já se percebe a tentativa de inclusão de práticas imagéticas ao aprendizado escolar, ultrapassando os limites das aulas de artes e artesanato, bem como do seu uso sempre predominante no ensino infantil. Por outro lado, o desenvolvimento da imprensa e do audiovisual tornou urgente a compreensão das relações que se estabeleciam entre imagem e texto escrito. Se o uso de linguagens visuais tornavam a educação mais atrativa, sensível e inclusiva, também se fazia mister que as imagens fossem compreendidas em toda sua complexidade, evitando-se as possibilidades de manipulação e distorção ideológica.

Sobre essas questões – sabores e dissabores do uso de linguagens visuais na educação – posicionaram-se vários autores, entre eles Edgar Mori²; visando conscientizar o público dos desafios e possibilidades das novas linguagens que faziam uso de imagens e aparatos tecnológicos. Desenvolveram a *teoria crítica* os autores Theodor Adorno e Walter Benjamin³, provenientes da Escola de Frankfurt, alertando para o uso manipulador das novas formas de comunicação. O desenvolvimento dessas análises que, apesar de conflitantes, se complementam, deu origem à educomunicação,

1 De 2019 a 2021, o mundo atravessou a pandemia de covid-19 provocada pelo coronavírus, obrigando grandes extratos populacionais ao isolamento domiciliar.

2 MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

3 BENJAMIN, Walter. **Escritos sobre mito e linguagem.** São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2011.

uma interface entre Ciências da Comunicação e Educação, para orientar educadores a formar cidadãos capazes de enfrentar os desafios da cultura contemporânea e a complexidade dos veículos de comunicação e de suas linguagens.

Mas, se o desenvolvimento de mídias audiovisuais e da produção imagética modificou conteúdos e formatos da comunicação, bem como das posturas pedagógicas na educação, imaginem a repercussão que teve sobre elas o surgimento das mídias digitais e das redes sociais, na segunda metade do século XX. Uma “economia” linguística e tecnológica procurou dar conta da necessidade de maior velocidade na transmissão de mensagens e de maior espaço de armazenagem e memória, enquanto programas de produção de fotografias e imagens em vídeo se tornaram cada vez mais ágeis, fáceis e populares, possibilitando uma comunicação baseada em imagens e sons. Todas essas transformações tiveram decisivo impacto sobre o que se concebe, hoje, como informação e conhecimento. A pandemia do Coronavírus, levando a educação a práticas pedagógicas on-line, veio dar um novo impulso ao uso da comunicação digital na educação.

Corroborando o que aqui estamos apresentando, Adilson Citelli afirma em artigo publicado na revista *Comunicação & Educação*⁴:

Enquanto convivíamos numa civilização dominada pela palavra, num mundo onde o conhecimento e a informação estavam, basicamente, guardados nos livros, a diferença entre os mestres e seus discípulos era brutal, com relação à vivência de temas e problemas postos pela cultura letrada... Era preciso saber ler, possuir o segredo do livro, ter experiência para adentrar os mistérios da escrita.

Diante do exposto, seria no mínimo extemporâneo entendermos que a forma de se produzir sentidos no âmbito da escola continuasse seguindo os mesmos padrões de algumas décadas passadas. Sem dúvida, as interfaces comunicação/educação/novas tecnologias foram aprofundadas e tomaram-se cada vez mais interdependentes⁵.

2. PARA ALÉM DA RACIONALIDADE

Além do desenvolvimento dos meios de comunicação digitais e da pandemia, a educação do século XXI se depara com uma outra tendência igualmente importante: a perda de importância da racionalidade como única e mais competente forma do ser humano se relacionar com a realidade na qual se insere. Os avanços da ciência – como as descobertas da teoria da relatividade e da física quântica – mostraram a importância de um pensamento menos factualista ou mecânico, capaz de dar conta de fenômenos cada vez mais complexos e só apreensíveis por uma postura intelectual relativista e não dogmática. A educação procura se adaptar a essas novas condições de compreensão da realidade e a educomunicação se apresenta capaz de engendrar essa transformação nas práticas educativas.

Como explica Ismar de Oliveira Soares:

Por suas incongruências, contudo, como a destruição do ecossistema em nome da racionalidade econômica ou a violência que eliminou vidas sem conta nas pequenas e grandes guerras [...] por causas que a história revelou irrelevantes – a razão

4 CITELLI, Adilson Odair. Meios de Comunicação e Práticas Escolares. *Comunicação e Educação*, São Paulo, v. 16, n. 17, p. 30-36, 2000.

5 Ibidem.

iluminista acabou por perder legitimidade frente aos olhos de milhões de pessoas. Nesse sentido, a própria sociedade foi obrigada a buscar na dinâmica da denominada cultura da Pós-Modernidade referenciais mais adequados que expliquem as mudanças pelas quais a sociedade em geral e as pessoas em particular estão passando.⁶

Nesse sentido, Citelli conclui:

O vigor atrativo dos signos icônicos e da interatividade (real ou aparente) para a qual tendem os veículos de comunicação levariam o aluno a se distanciar dos esquemas da contiguidade que estruturam os discursos verbais. A força da imagem e sua capacidade de presentificar e aproximar tornariam um tanto obsoletos certos esforços explicativos conforme processados tradicionalmente pela escola.⁷

Assim, não só nas Ciências da Comunicação as linguagens imagéticas ganham importância e centralidade, mas nas ciências de um modo geral. Na Física, na Matemática e na Medicina, por exemplo, as teorias da Relatividade e da física quântica mostram que a realidade escapa às dimensões conhecidas da percepção humana, exigindo esforços de raciocínio amplamente interpretativos e hermenêuticos, não factuais e descritivos, numa metodologia de análise do real bastante diversa da objetividade newtoniana ou da lógica cartesiana. Na Psicologia e na Psicanálise, os símbolos imagéticos ganham preponderância por seu conteúdo manifesto, ou mesmo oculto, exigindo, como na Física contemporânea, um esforço interpretativo que deve ser cada vez mais central na pesquisa científica e na educação. Cada vez mais, uma pedagogia voltada para a interpretação, compreensão e diagnóstico situacional e subjetivo se torna mais útil, adequada e inclusiva.

Muitos autores dedicam-se a investigar as repercussões na educação de uma cultura centrada no audiovisual e de uma teoria do conhecimento mais ancorada na hermenêutica do que na lógica. Alguns deles têm especial importância subsidiando nossas pesquisas. Marc Augé⁸, antropólogo que estudou a cultura africana, publicou trabalhos em que mostra como a invasão imagética dos meios de comunicação estão modificando até mesmo a cultura mítica e mágica do continente africano. Diz ele:

Na intimidade de nossas casas, imagens de toda espécie, transmitidas por satélites, captadas pelas antenas que guarnecem os telhados da mais afastada de nossas cidadezinhas, podem dar-nos uma visão instantânea e, às vezes, simultânea de um acontecimento em vias de se produzir no outro extremo do planeta.⁹

Roger Silverstone, nesse sentido, aponta:

Saber onde estamos é tão importante quanto saber quem somos, e, claro, as duas coisas estão intimamente interligadas... para isso a mídia nos oferece uma janela para o mundo que, não é apenas uma janela, é um convite a estender nossa capacidade de atuar para além das coerções do imediato e do físico. De fato, rumo ao espaço virtual.¹⁰

É, portanto, para estudar os caminhos abertos pelos meios de comunicação e pelas linguagens audiovisuais e seus impactos para uma educação não centrada apenas na escrita e na racionalidade que se volta a nossa pesquisa. Baseando-nos na própria história dos meios de comunicação audiovisuais, começaremos pela fotografia e por seus usos na comunicação e na educação – essa tecnologia revolucionária que

6 SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: um campo de mediações. Comunicação e Educação*, São Paulo, v. 7, n. 19, p. 12-24, 2000.

7 CITELLI, Adilson Odair. *A escola e os discursos não didáticos. Revista Comunicação & Educação* – vol 3, n.8 (jan/abr, 1977).

8 AUGÉ, Marc. *A guerra dos sonhos: exercícios de etnoficção*. Campinas: Papirus, 1998.

9 Ibidem.

10 SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Loyola, 2002.

foi um dos marcos do que chamamos de Modernidade e revolucionou as Artes e as Comunicações. Um aparato capaz de popularizar a criação de imagens, de retratos, de registros do real, responsável por subsidiar nossas memórias e narrativas, transformando, ao mesmo tempo, a história e a vida cotidiana.

Com essa intenção, temos nos dedicado à pesquisa e análise de formas inovadoras de integrar fotografia, conhecimento, educação e artes. Neste artigo, vamos falar a respeito de um recurso de pesquisa qualitativa e, ao mesmo tempo, de comunicação interativa e prática pedagógica dialógica a que se deu o nome de Foto Voz.

3. FOTOGRAFIA E REALIDADE

Desde sua invenção, a fotografia tem causado impacto na vida social e gerado polêmicas acadêmicas. Popularizou a produção de imagens, que ficaram acessíveis à grande parte da população, criou novas formas de entretenimento e de identidade pessoal. Multiplicaram-se os cartões de visitas com imagens, os cartões postais com paisagens, as reportagens fotográficas, as ilustrações em jornais e revistas, os álbuns familiares marcando momentos importantes da vida cotidiana como nascimentos, formaturas e casamentos. A fotografia revolucionou o campo artístico fazendo eclodir movimentos de dissidência contra a arte convencional, o academicismo.

A fotografia passou a constituir para o público um testemunho de realidade – um registro tecnológico realizado por captação da luz natural, muito diferente das imagens artísticas que eram submetidas à subjetividade do autor. Esse é o aspecto indicial da fotografia, responsável pela sua credibilidade testemunhal. Sabe-se que a fotografia também está sujeita a inegáveis manipulações que vão desde o retoque com lápis e pincéis aos grandes editores digitais da atualidade – mas ela nunca perdeu seu caráter testemunhal – em algum momento, a pessoa ou o objeto retratado esteve diante da máquina que a fotografou. Esse seu poder documental, como o chama o fotógrafo e historiador Boris Kossoy¹¹, deu à fotografia especial importância na medida em que os historiadores passaram a contar com um importante testemunho de diferentes épocas, fatos e situações. Entretanto, a fotografia ainda disputa com a escrita a sua legitimidade, especialmente na atualidade, quando os mecanismos de manipulação e edição digital estão cada vez mais eficientes.

Assim, a fotografia traz consigo o valor indicial de ser, de alguma forma, um registro da realidade, o que lhe garante a objetividade daquilo que expressa, mas carrega também, em oposição à linguagem escrita, uma carga grande de subjetividade – ela resulta do que a tecnologia possibilita de registro do real e da intencionalidade do fotógrafo. Roland Barthes, em *A câmara clara*¹², esmiúça esse aspecto subjetivo de quem fotografa e de quem vê a fotografia, explorando a carga emotiva que a complexidade imagética da fotografia transmite aos observadores. A fotografia é, portanto, ao mesmo tempo, objetiva e subjetiva, registro indicial do real e recorte autoral do fotógrafo, além de objeto altamente sensível e motivador do olhar do público, e esse deve ser o seu grande poder atrativo – ao mesmo tempo, revelar e esconder, inspirar e informar, ser e, também, não ser.

11 KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo: Ateliê Editoria, 2001. p. 31.

12 BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

O fato é que a fotografia rapidamente adentrou à vida científica e aos estudos acadêmicos, especialmente nas Ciências Humanas, passando a máquina fotográfica a ser instrumento indispensável do trabalho de campo. Já nos idos da década de 1940, para os cientistas sociais da Escola de Chicago, como Margareth Mead, mais abertos às novas invenções, a fotografia passou a ser parte integrante da investigação científica. Desde então, o uso da imagem na ciência não parou de crescer, assim como os estudos sobre as ambiguidades, complexidade e sensibilidade da recepção da linguagem visual. Os equipamentos digitais ampliaram em muito o uso das imagens fotográficas nas ciências – até mesmo a Medicina tem nas imagens, hoje, uma fonte segura para diagnósticos clínicos os mais diversos.

Do lado de fora das academias científicas e dos telescópios eletrônicos também o uso de comunicação por imagem só fez crescer, especialmente quando os telefones celulares se transformaram em máquina fotográfica e fototecas – a popularização das imagens fotográficas se tornou cotidiana e constante para os mais variados fins.

Assim, chegamos ao ponto central de nosso texto: nesse universo múltiplo e diversificado de uma cultura altamente audiovisual, a que mais serve a fotografia?

4. FOTO VOZ

Foto Voz é o nome dado a uma técnica de pesquisa qualitativa e participativa para investigação de sentimentos, emoções, atitudes e crenças de um grupo de pessoas expostas a uma mesma situação/problema. Pode se tratar de um grupo de pessoas de um bairro, de pacientes com uma mesma patologia física ou mental, de alunos de uma escola, de participantes de um evento que se prestam a estudar e participar de uma pesquisa que seleciona um determinado objeto/problema: as dificuldades do bairro, avanços e retrocessos na doença, aspectos da sala de aula ou problemas de participação no evento. Essa técnica de pesquisa, desenvolvida nos Estados Unidos, nos anos 1990, pressupõe que a fotografia, além de seu carácter documental, tem uma função simbólica importante de expressar e externar sentimentos, ideias, emoções e crenças dos quais as pessoas, muitas vezes, sequer têm consciência de ter ou sentir. Como nos sonhos, estudados profundamente por Sigmund Freud, há na fotografia a expressão de sentimentos não explícitos ou conscientes, fazendo dela um precioso meio de expressão subjetiva.

Essa metodologia de pesquisa, baseada no uso da fotografia como uma nova e potente linguagem, ou uma nova e diferente fala, obedece a certa dinâmica de aplicação que exporemos a seguir.

1 – **Reunião dos participantes:** uma amostra de representantes do grupo a ser estudado é selecionada. Os participantes são reunidos em um local onde se apresentam, sob a coordenação de um profissional responsável pela pesquisa. Depois, ele mesmo expõe resumidamente ao grupo o problema que se quer investigar – os conflitos de trânsito no bairro, por exemplo.

2 – **Captação de imagens:** com máquinas fotográficas ou telefones celulares, os participantes são deixados livres para se dispersarem e registrarem imagens fotográficas de objetos e situações que os remetam à questão/problema.

3 – **Reunião e observação das imagens:** após um tempo anteriormente definido, o grupo se reúne novamente e as imagens são dispostas em um equipamento audiovisual e apresentadas para todos. Cada participante expõe os significados que a imagem ou as imagens registradas tiveram para ele.

4 – **Discussão da situação/problema:** após a apresentação das fotografias e das explicações, o coordenador inicia um debate sobre os aspectos comuns e incomuns das fotos, bem como sobre as ideias que elas despertaram. Esse conteúdo assim trabalhado trará subsídios importantes para a pesquisa em questão.

Esse procedimento qualitativo tem inúmeras vantagens e uma das principais é a interação promovida entre os participantes e o desenvolvimento de sentimentos de pertencimento e identidade deles com a situação em análise. Por outro lado, organiza subsídios importantes para o desenvolvimento de formas de intervenção social e políticas públicas.

Do ponto de vista teórico, essa metodologia de pesquisa abre espaço para a elaboração de um conhecimento que reúne diferentes tendências contemporâneas para aprender e ensinar, conhecer e pesquisar. A primeira dessas tendências é a multilinguagem – o próprio nome “Foto Voz” remete à necessidade de uma percepção da realidade que leva em conta a fala e o olhar, a voz e a imagem, a reflexão e a tecnologia, como formas diferentes de apreensão do conhecimento. Por outro lado, a tendência ao conhecimento coletivo formulado em uma dinâmica interativa e grupal é outra tendência de grande importância, que abandona a ideia do saber como um processo individual e particular. O conhecimento deriva da interação e do diálogo. De outro modo, a ideia de trabalhar o conhecimento como um processo ao mesmo tempo interior e exterior, objetivo e subjetivo ao investigador é outro aspecto importante dessa metodologia. Para fotografar, o participante do grupo deve olhar, ver, escolher, recortar e registrar. Num momento posterior, deve olhar e interpretar os significados que resultaram desse trabalho. A reunião dessas condições de produção e apropriação do conhecimento caracterizam o que Michel Thiollent chama de “pesquisa-ação”, ou seja, uma pesquisa que é, ao mesmo tempo, obtenção de informações e intervenção social, isso porque os participantes das atividades são imediatamente influenciados pelos debates que elas suscitam. O pesquisador produz conhecimento científico, ao mesmo tempo em que atua sobre a realidade pesquisada, conscientizando os participantes das questões com as quais se envolvem.

5. FOTO VOZ NA EDUCAÇÃO E NA PESQUISA

Chegamos, enfim, à proposta inicial da pesquisa que ensejou a elaboração deste artigo – como essa metodologia do conhecimento utilizando a imagem e a fotografia como meio de comunicação pode auxiliar os processos pedagógicos escolares e não escolares, formais e informais. Para isso, daremos como exemplo a

pesquisa levada a efeito por Larissa Bertagnoni e Sandra Maria Galheigo, intitulada “Retratos, relatos e impressões de crianças moradoras da periferia de São Paulo sobre a cidade”, publicada nos *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, em abril de 2021. Com o intuito de conhecer qual era a percepção que as crianças da periferia de São Paulo tinham de seu entorno, foram reunidas seis crianças de 2º a 4º ano de ensino fundamental de escolas públicas, assistidas pelo Centro de Atenção Psicossocial Infante-Juvenil (CAPSIJ) da Zona Leste da cidade. Orientadas por autores como Kate Christensen, que defendem a metodologia da Foto Voz, conduziram a experiência interativa que resultou em interessante aporte fotográfico sobre o bairro e seu entorno. A partir dele, as crianças envolvidas puderam expressar suas ideias sobre a situação de vulnerabilidade com a qual conviviam e tomar consciência de suas dificuldades e sentimentos. As autoras afirmam: “em nosso trabalho foi possível perceber como a prática lúdica das crianças participantes associada aos seus olhares cuidadosos e atentos favoreceram a descoberta da natureza em meio a um território predominantemente urbano” (BERTAGNONI; GALHEIGO, 2021. p. 21).

E confirmam, nas conclusões:

O entendimento da vivência cotidiana das crianças nos espaços de circulação, assim como a escuta com atenção enquanto uma prática crucial do trabalho, foi estrutura para o desenvolvimento da pesquisa e das relações entre os participantes, o que interferiu diretamente na qualidade das imagens registradas. O uso da fotografia enquanto linguagem proporcionou maior grau de controle sobre o processo de pesquisa por parte das crianças, assim como facilitou a relação dessas com seus territórios e com as questões de pesquisa.

Eis um exemplo das imagens registradas pelas crianças nessa pesquisa:



Figura 1: Histórias de Vida e Denúncias Sociais

Outras investigações também alcançaram bons resultados com o recurso da Foto Voz. Thais Delabarba Marim e Adriana Nunes Moraes Partelli reuniram dez adolescentes de uma escola pública da periferia da cidade de São Mateus, município litorâneo do Espírito Santo, para avaliarem fatores que interferem em sua saúde. Os resultados publicados na *Revista de Enfermagem UFPE online* em 2019, e mostram que, além dos integrantes da pesquisa terem feito um bom levantamento de seu entorno, puderam, por meio das discussões, passar de uma visão ingênua de suas condições de vida a uma visão crítica dessa realidade¹³.

Portelli, juntamente com Paula de Souza Silva Freitas, entre outros pesquisadores da área da enfermagem do Espírito Santo, também publicaram um texto no qual relatam a experiência do uso da Foto Voz com parturientes de parto cesariano visando sua humanização. Os resultados mostraram a possibilidade do método na sensibilização dos envolvidos na situação/problema e na intervenção no grupo pesquisado¹⁴.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metodologia de pesquisa da Foto Voz mostra como pode ser produtivo o uso de múltiplas linguagens nos processos de pesquisa e de interação de grupos. O uso de equipamentos populares como o telefone celular e a máquina fotográfica com os quais os participantes estão familiarizados torna os processos investigativos motivadores e instigantes. Por outro lado, o pesquisado não se sente alienado do próprio processo de pesquisa, do qual geralmente participa apenas como informante. Ele empresta sua experiência pessoal, suas ideias e reflexões para ilustrar o problema/foco. Há um envolvimento dos participantes entre eles, deles com a pesquisa e o pesquisador, há interatividade e um conhecimento que se baseia não apenas em dados objetivos, mas faz uso pleno da subjetividade.

Aplicar essa metodologia na educação pode ter significativos resultados, dando voz aos alunos pesquisadores, possibilitando interatividade, facilitando o uso de diferentes linguagens, algumas das quais, como a fotografia, mais espontânea e instintiva do que a escrita. Essa experiência permite até mesmo um novo uso do espaço escolar e de frutíferas pesquisas nos bairros e nas regiões do entorno, promovendo a integração dos alunos a seus ambientes geográficos. O conhecimento orientado pela experiência pessoal e pela familiaridade possibilita uma maior facilidade expressiva. Tudo isso sem termos ainda mencionado a educação pelo olhar e do próprio olhar.

Deixamos à educomunicação uma metodologia pedagógica que deve abrir espaço para importantes questionamentos e discussões, e assim avançamos e demos mais uns passos em torno dessa instigante proposta de estudar as formas da arte e da comunicação para uma educação mais inclusiva, participativa, afetiva e efetiva.

13 MARIM, Thais Delabarba; PARTELLI, Adriana Nunes Moraes. Determinantes sociais em saúde na ótica de adolescentes: foto voz. *Revista de Enfermagem UFPE*, Recife, v. 13, e239114, 2019.

14 MORAES-PARTELLI, Adriana Nunes et al. Foto voz: experiência reflexiva da enfermagem na humanização do parto cesariano. *Brazilian Journal of Health Review*, Curitiba, v. 4, n. 4, p. 15441-15457, 2021.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUGÉ, Marc. **A guerra dos sonhos: exercícios de etnoficção**. Campinas: Papyrus, 1998.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BENJAMIN, Walter. **Escritos sobre mito e linguagem**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2011.
- BERTAGNONI, Larissa e Galheigo, Sandra Maria. Retratos, relatos e impressões de crianças moradoras da periferia de São Paulo sobre a cidade. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 29, e2803, abr. 2021, DOI: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO2120>
- CITELLI, Adilson Odair. A escola e os discursos não didáticos. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 3, n. 8, jan./abr. 1977.
- CITELLI, Adilson Odair. Meios de Comunicação e Práticas Escolares. **Comunicação e Educação**, São Paulo, v. 16, n. 17, p. 30-36, 2000.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- MARIM, Thais Delabarba; PARTELLI, Adriana Nunes Moraes. Determinantes sociais em saúde na ótica de adolescentes: foto voz. **Revista de Enfermagem UFPE**, Recife, v. 13, e239114, 2019.
- MORAES-PARTELLI, Adriana Nunes *et al.* Foto voz: experiência reflexiva da enfermagem na humanização do parto cesariana. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 4, n. 4, p. 15441-15457, 2021.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo, Loyola, 2002.
- SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação e Educação**, São Paulo, v. 7, n. 19, p. 12-24, 2000.